



<http://www.pacadnetwork.com/itm/index.php/techne/techne-2018>
eISSN: 2182-9985

Aplicação de técnicas e métodos de registro e cadastro de sítios com arte-rupestre na região dos Campos Gerais, estado do Paraná, Brasil

Jedson Francisco Cerezer*

Espaço Arqueologia | Rua Germano Siebert, 645 – Centro, Tubarão/SC – CEP 88705-570; Instituto Terra e Memória

Valdir Luiz Schwengber**

Espaço Arqueologia / Universidade do Sul de Santa Catarina

Douglas Gonçalves Pereira***

Espaço Arqueologia

Raul Viana Novasco****

Espaço Arqueologia

Artigo submetido em

12/09/2017

Artigo aceite em

01/09/2018

Artigo publicado em

14/09/2018

Palavras-chave:

Gestão do Patrimônio; Gestão do Território; Sistemas de Informação Geográfica;

Resumo

Neste artigo propõe-se apresentar um panorama geral do programa de levantamento de sítios arqueológicos compostos por arte rupestre localizados na região dos Campos Gerais, estado do Paraná, Brasil. Como parte das ações desenvolvidas no âmbito do programa de gestão do patrimônio arqueológico afetado pela instalação de um empreendimento de transmissão de energia elétrica, na região dos Campos Gerais, estado do Paraná, foram mapeados e levantados 3 sítios de arte rupestre e recadastrados outros 27, também compostos por painéis com arte rupestre, e previamente conhecidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). As atividades de cadastro e recadastro dos sítios, consistiram no seu georreferenciamento, registro fotográfico em alta resolução de todos os painéis, tomada de medidas dos abrigos e afloramentos em que os painéis estão situados, e elaboração de croquis esquemáticos. Como resultado do tratamento dos dados obtidos, foram produzidas pranchas de caracterização dos sítios, onde estão concentradas todas as informações gráficas e textuais consideradas relevantes. Para este trabalho, em específico, tratar-se-á dos sítios Abrigo Iapó 1, 2 e 3, por se tratarem de sítios inéditos e aos quais se aplicou maiores recursos metodológicos.

1. Introdução

No Brasil, quando iniciadas, as pesquisas arqueológicas que se ocupavam do registro e da interpretação de pinturas e gravuras rupestres, esbarravam em obstáculos teóricos e metodológicos

que, de certo modo, limitaram os avanços nesta subárea da arqueologia. Passadas pouco mais que quatro décadas do início das primeiras pesquisas sistemáticas, novas abordagens e avançados recursos tecnológicos surgiram e vêm sendo

*Jedson Francisco Cerezer | jfcpicci@gmail.com **Valdir Luiz Schwengber | valdirluiz@gmail.com *** Douglas Gonçalves Pereira | arq.douglaspereira@gmail.com **** Raul Viana Novasco | raulnovasco@gmail.com

adotados em estudos recentes que envolvem a arte rupestre.

Nesse contexto de inovações e com o intuito de prover novas premissas metodológicas, foram desenvolvidos o registro e o levantamento de 3 (três) sítios arqueológicos na região dos Campos Gerais, no Paraná, durante a execução do Programa de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área de implantação da Linha de Transmissão 230 kV Figueira – Ponta Grossa Norte. Tais sítios são denominados Abrigo Iapó 1, Abrigo Iapó 2 e Abrigo Iapó 3, e estão localizados no vale do Iapó, curso d'água que transcorre no interior dos cânions do Parque Estadual do Guartelá.

Em suma, as atividades desenvolvidas para a execução do referido projeto representam a adoção de um protocolo metodológico próprio, adaptado para esta pesquisa, cujas bases são amplamente difundidas nas redes internacionais de investigação em arte rupestre, em especial a IFRAO (International Federation of Rock Art Organizations - <http://www.ifrao.com/ifrao/>) (Bucco, 2012; Collado, 2006; Garcês, 2017), tendo ainda como suporte o Laboratório de Arte Rupestre do Instituto Terra e Memória de Mação, Portugal. Dessa forma, não compõe o conjunto de objetivos deste projeto interpretar os motivos identificados nos sítios, mas sim, testar e adaptar protocolos de captura de dados que potencializem as atividades de campo e permitam alcançar avanços interpretativos quando da análise dos dados em gabinete.

Assim, neste artigo ater-se-á em apresentar o conjunto de procedimentos, técnicas e recursos utilizados na coleta de dados em campo, e o resultado obtido após o tratamento destes, incluindo a proposição de uma prancha de caracterização de sítios, onde informações morfométricas e locais dos abrigos/painéis são concentradas, permitindo uma avaliação contextual dos sítios arqueológicos.

2. Materiais e Métodos

Para o desenvolvimento dos levantamentos foram adotados princípios técnicos que permitem obter grandes quantidades de dados e informações dos sítios com pinturas rupestres, a fim de propiciar a compreensão do contexto em que se inserem os sítios com arte rupestre do entorno do Parque Guartelá. Esta definição foi usada para situar geograficamente a área de estudo e possibilitar

melhor interação entre a paisagem reconhecida e o patrimônio cultural.

A metodologia consiste em contemplar objetivos técnicos de levantamento sistemático de arte rupestre, para com eles avaliar a real situação de cada sítio, no que tange o estado de conservação, a documentação das pinturas, a coleta de dados de localização e medidas de proteção e conservação.

Inicialmente a equipe técnica propôs a execução de atividades que contemplassem a realização de vistoria técnica nos 3 (três) sítios arqueológicos de arte rupestres para avaliação do estado de conservação dos mesmos. Para esta prerrogativa teve-se em conta os diferentes tipos de agentes causadores de deterioração dos sítios, como por exemplo:

- Origem antrópica - a saber, pichação, fogueiras, remoção de partes do painel ou perturbação por atividades econômicas como pastorícia, pecuária e silvicultura, além de lixo e demais resíduos deixados por visitantes ou em casos específicos acampamentos ou mesmo moradias, temporárias ou permanentes;

- De origem natural - como, líquens, algas, fungos e demais agentes, árvores, raízes cipós entre outros bióticos; a lixiviação, efeitos eólicas ou pluviais, formação de concreções naturais – como a calcita - além de bioturbações de outras naturezas como os provocados por animais, vertebrados – gado, canídeos, aves, roedores ou invertebrados – como cupins, abelhas ou vespas;

Também se conta aqui a acessibilidade e o posicionamento dos painéis em relação aos pontos cardeais, visto que a incidência de chuvas, ventos ou a iluminação solar, que influenciam na existência ou não dos agentes acima citados e outros causadores de deterioração.

Nesse levantamento, tomou-se como uma das prioridades a documentação fotográfica de alta resolução dos painéis de arte rupestre que compõem os sítios arqueológicos e, por isso, para as fotografias, foram usadas câmeras, Canon EOS 600D (18 megapixels, lente 14 55mm), Canon G3X (20.2 megapixels) e Samsung WB38OF (16.3 megapixels). Foi considerado para as fotografias manter sempre as mesmas configurações da câmera, no que diz respeito ao ISSO e ao Balanço de Brancos; para o “White Balance - WB” cada realidade exigiu ajustes pelo tipo de ambiente que se estava fotografando em

especial pela iluminação; o ISSO, sempre foi mantido a 100, isso fez com que nos caso de baixa luminosidade o tempo de exposição ou a abertura do diafragma fosse alterados, sendo necessário para todas as fotos o uso de tripé ou outras bases de apoio nos locais onde a altura dos painéis em relação a base são demasiadas curtas e não comportam tripé.

Para o tripé sempre se procurou usar o menor número de extensões, para evitar que vibre com o vento ou com o disparo da câmera. O disparo foi feito com temporizador ou controle, para evitar que ao carregar no disparador a câmara trema.

Todas as fotos primaram pela ortogonalidade – para os casos em que não foi possível houve a correção posterior em laboratório digital. A distância focal perseguida foi a de 55mm, para, com isso, evitar distorções. Nos casos que não foi possível se fez necessário a correção – por esta razão o uso das escalas métricas foi fundamental.

A escala tem várias funções, contudo, a principal é dar a noção de tamanho do alvo fotografado. Porém, cumpre destacar que esta serve, também, para ajustar as distorções métricas, e no caso das escalas cromáticas, como a modelo IFRAO, serve para a regulagem do sistema de cores aditivas RGB – formado pelas cores Vermelho, Verde e Azul – e, assim, obter melhor aproximação cromática em caso de ajustes de saturação ou desequilíbrio no WB. O formato do arquivo digital usado foi o JPG e o RAW, sendo o formato RAW indicado para o tratamento digital por manter as configurações e qualidade das imagens.

A sequência da tomada de fotos respeitou uma rotina baseada na escala e área abrangida. Inicialmente, fotos mais amplas e em escala menor foram obtidas, a fim de capturar vistas gerais do painel. Feitas as fotos ‘gerais’, partiu-se para o detalhamento dos painéis, com fotografias aproximadas e em escalas maiores.

Diante dos painéis as fotos priorizam uma visão total, contudo, nos casos em que não foi possível obter tal vista, várias fotos foram feitas, sobrepostas a 30%, partindo do extremo superior esquerdo ao extremo inferior direito em linhas horizontais, sempre com escala. Para o caso das fotos gerais do painel, escalas de dimensões maiores, entre 50 centímetros a 1 metro, foram utilizadas.

Em abrigos compostos por vários painéis, o mesmo procedimento foi adotado individualmente, para

cada painel sendo que as junções e agrupamentos foram realizados em laboratório, mediante a manipulação dos dados digitais. Ao mesmo tempo em que foi produzida a documentação fotográfica geral dos painéis, procedeu-se, também, à documentação dos principais motivos em separado, individualizando cada um deles.

O controle da tomada das fotografias foi realizado a partir da adoção de um plano cartesiano de coordenadas locais específicas, registradas sobre um croqui onde foram registradas as coordenadas alfanuméricas, onde, ‘X’ é letra, e ‘Y’ é número. A coordenada da imagem foi indexada ao número de armazenamento da fotografia na memória da câmera fotográfica, em vias de não perder as referências e facilitar o trabalho em gabinete.

Por fim, cumpre destacar que, para fins de georreferenciamento dos abrigos, foram utilizados receptores de sinal GPS (código C/A) da marca Garmin, modelo eTrex 30, configurados com o datum WGS 84, e sistema de coordenadas UTM. Cabe reiterar que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015a), “[...] não existem parâmetros de transformação entre SIRGAS2000 e WGS 84 porque eles são praticamente iguais, ou seja, $DX = 0$, $DY = 0$ e $DZ = 0$ [...]”, portanto, mesmo tendo obtido as coordenadas UTM em campo a partir do datum WGS 84, todos os produtos cartográficos gerados estão georreferenciados sob o datum SIRGAS2000, respeitando a resolução n° 1/2005 do IBGE.

Ainda em campo são tomadas as dimensões do suporte, na sua maioria abrigos, para o desenho e montagem das pranchas e croquis com os perfis. É tida em consideração a orientação, disposição dos painéis.

Tendo toda a documentação em mãos é iniciado o trabalho de laboratório que resulta em uma descrição completa, com todas as informações que permitam informar de maneira técnica a localização do abrigo e seu acesso, colocando em foco o estado de conservação, a paisagem e as características do abrigo e dos painéis.

Para descrever as características dos painéis cada fotografia é trabalhada digitalmente. As distorções das fotografias são corrigidas com auxílio do programa Asrix®, sendo que a exposição cromática é calibrada via RGB e Balanço de brancos. Assim se pode montar um 2D do painel com as fotos sobrepostas e enquadradas.

Tendo as fotos corrigidas e calibradas sobre um plano geral inicia-se os decalques com uso de programas de tratamento de imagens, neste caso o Adobe Photoshop®. O objetivo é identificar todas as figuras que estão em cada painel. Em muitos casos há figuras muito apagadas e/ou invisíveis a olho desarmado, portanto, nestes casos, submetem-se as fotografias referentes a elas aos métodos de saturação – plugin Dstretch®, programa ImagJ® – sendo posteriormente removidos os ruídos, restando a imagem do motivo isolada.

Cada etapa é separada por layers dentro do programa para, ao final, serem sobrepostas em camadas onde, as inferiores correspondem à base do suporte que será sobreposta pelas figuras, distintas por critérios como antiguidade da execução – sobreposições –, cor e tipologia. Dessa forma, se tem, ao final, diferentes “camadas” em que se podem ver as diferentes fases de execução das pinturas no painel.

A partir da organização das layers é possível ainda isolar os tipos e assim enquadrar a arte rupestre dentro das tipologias conhecidas atualmente no Brasil (Buco, 2012), possibilitando compor quadros próprios para interpretação.

Cada descrição de painel é composta por um quadro de imagens com suas características, colorações e dimensões. Para acrescentar informações mais detalhadas do abrigo, uma prancha em formato A3 é elaborada e, nela, há informações de localização do sítio, croqui do abrigo/suporte, descrições de cada painel, tipo de motivos e característica de cada figura. Esta prancha ainda conta com corte em escala do abrigo e seus respectivos dimensionamentos e, dessa forma, tem-se todas as informações levantadas em campo e tratadas em laboratório concentradas somente em um único local de forma sistemática e projetual, compondo o que consideramos como uma prancha analítica.

3. Resultados

Por meio da aplicação dos procedimentos acima descritos, foram registrados os painéis dos sítios Abrigo Iapó 1, 2 e 3. A descrição dos sítios e o resultado dos levantamentos realizados serão apresentados a seguir.

O acesso ao Abrigo Iapó 1 é feito pela fazenda Itaytyba. Com base localizada na face nordeste de um conjunto de afloramento rochoso, situa-se a

764m da Cachoeira dos Macacos. Implantado em meia encosta superior de uma colina, levemente inclinada em direção à calha do rio Iapó, onde predomina a vegetação arbórea e herbáceas. Próximo ao abrigo, uma área de gramíneas com árvores serve como área de pasto para o gado da fazenda.

Localizado em grande afloramento rochoso o abrigo apresenta dimensões de 9 m de comprimento, 37 m de largura e 2,96 m de altura, com pinturas no teto do abrigo a 2,40 m do solo. Desgastadas pinturas rupestres, de estilo esquemático com motivos zoomórfico, antropomórficos e idiomorfos, havendo partes pintadas que se despegam do teto; há musgos, líquens e umidade que contribuem para deterioração. Representações visíveis, com cor avermelhada e em tons de ocre, estão concentradas em 4 agrupamentos distribuídos no teto.

O abrigo sofre danos por erosão eólica e pluvial assim como bioturbação por animais (casulos insetos, aves e mamíferos) que contribuem para a deterioração. É importante mencionar o potencial para escavação junto ao abrigo, pois, logo abaixo do teto com as pinturas, existe acúmulo de sedimento de terra preta.

Seguindo a metodologia proposta, os dados de compilação das informações de campo, bem como os resultados dos decalques são apresentados de forma projetual na prancha Abrigo Iapó 1 (modelo na figura 3), onde constam as informações relevantes sobre a localização, tipologia do sítio, formação geologia características geomorfológica, vegetação do entorno, localização dos painéis no abrigo, detalhamento das pinturas e seu respectivo decalque, bem como os agentes que comprometem a conservação do sítio e das pinturas.

O sítio Abrigo Iapó 2 está localizado em grande afloramento rochoso à meia encosta superior em referência a seu compartimento topográfico, a 145 m do sítio Abrigo Iapó 1. Se caracteriza como um pequeno abrigo, destacado na paisagem, com abertura para o nordeste, sendo que a área abrigada possui 5,70 m de comprimento, 4,40 m de largura e 3,14 m de altura.

O sítio é formado por painel horizontal (teto) de 1,80 m de comprimento e 1 m de largura, e, vertical (parede), com 1,50 m de comprimento e 0,75 m de largura, possui pinturas que decoram seu interior. Avermelhadas e em tons de ocre, as pinturas contêm motivos variados, de estilo esquemático

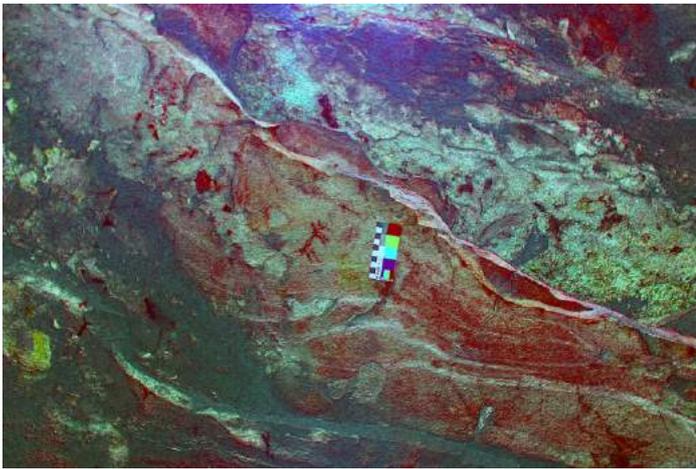


Figura 1: Pannel rupestre, sítio Abrigo Iapó 1- sob D'Stretch.

Figura 2: Levantamento das medidas no sítio rupestre Abrigo Iapó 1.

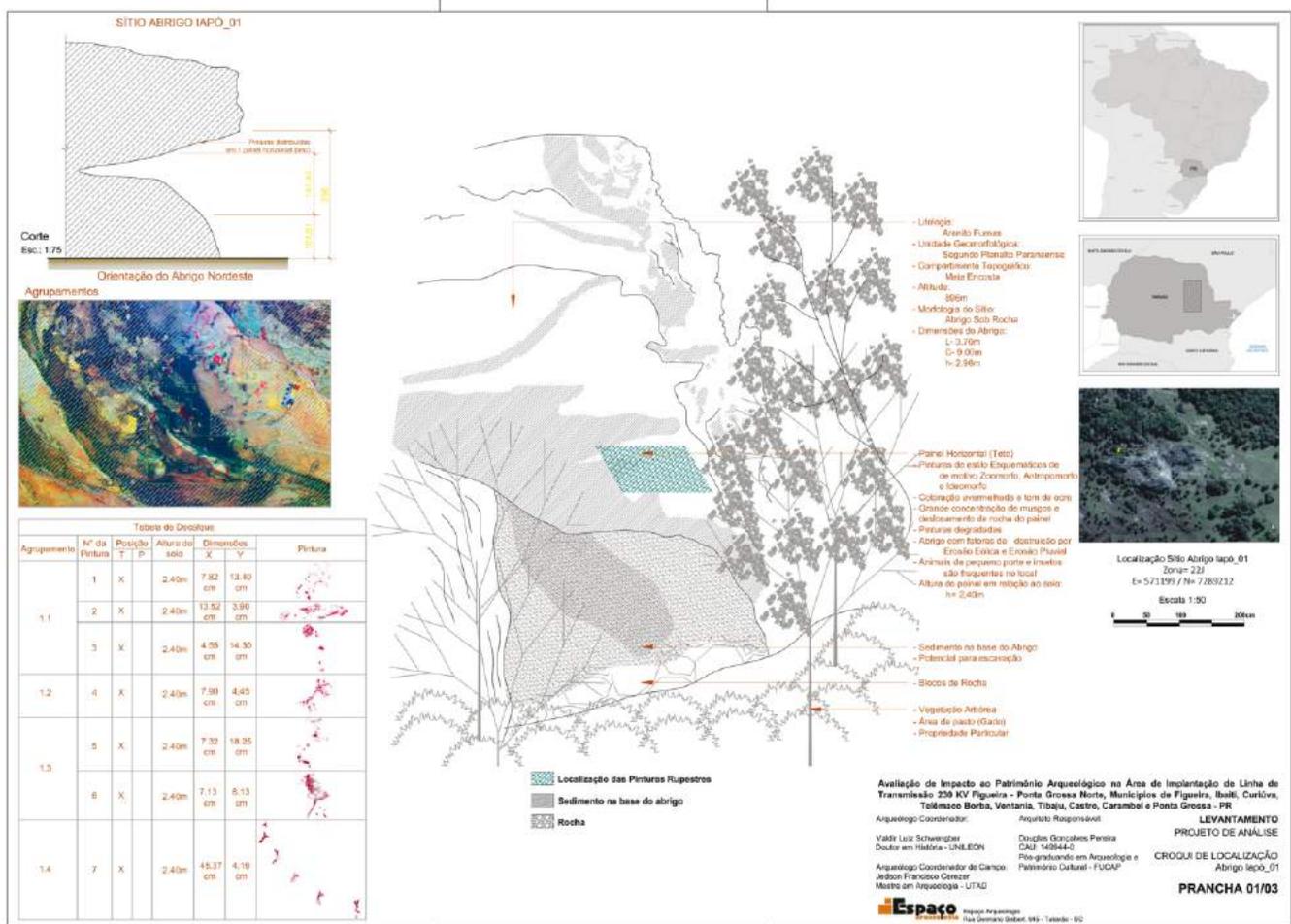


Figura 3: Prancha de levantamento e caracterização do sítio Abrigo Iapó 1.

com motivos zoomórfico, antropomórficos e idiomorfos. O pannel horizontal está posicionado a 4,14 m de altura do solo, enquanto que o pannel vertical está a 3,35 m do solo.

Em se tratando de fatores de degradação das pinturas, foi possível verificar desgastes causados por animais (inseto, mamíferos e aves), mas prevalecem as alterações ocasionadas por erosão eólica e pluvial, responsáveis por parte do

intemperismo que atua sobre as rochas que dão suporte às pinturas.

Por último, o sítio arqueológico Abrigo Iapó 3 se caracteriza por um pequeno bloco de rocha isolado, localizado a esquerda da rodovia PR-340, partindo de Tibagi em direção à Castro. Com dimensão de 2,30 m de comprimento, 0,35 m de largura e 0,89 m de altura, o pequeno bloco rochoso isolado não se configura como um abrigo, tendo a face do pannel

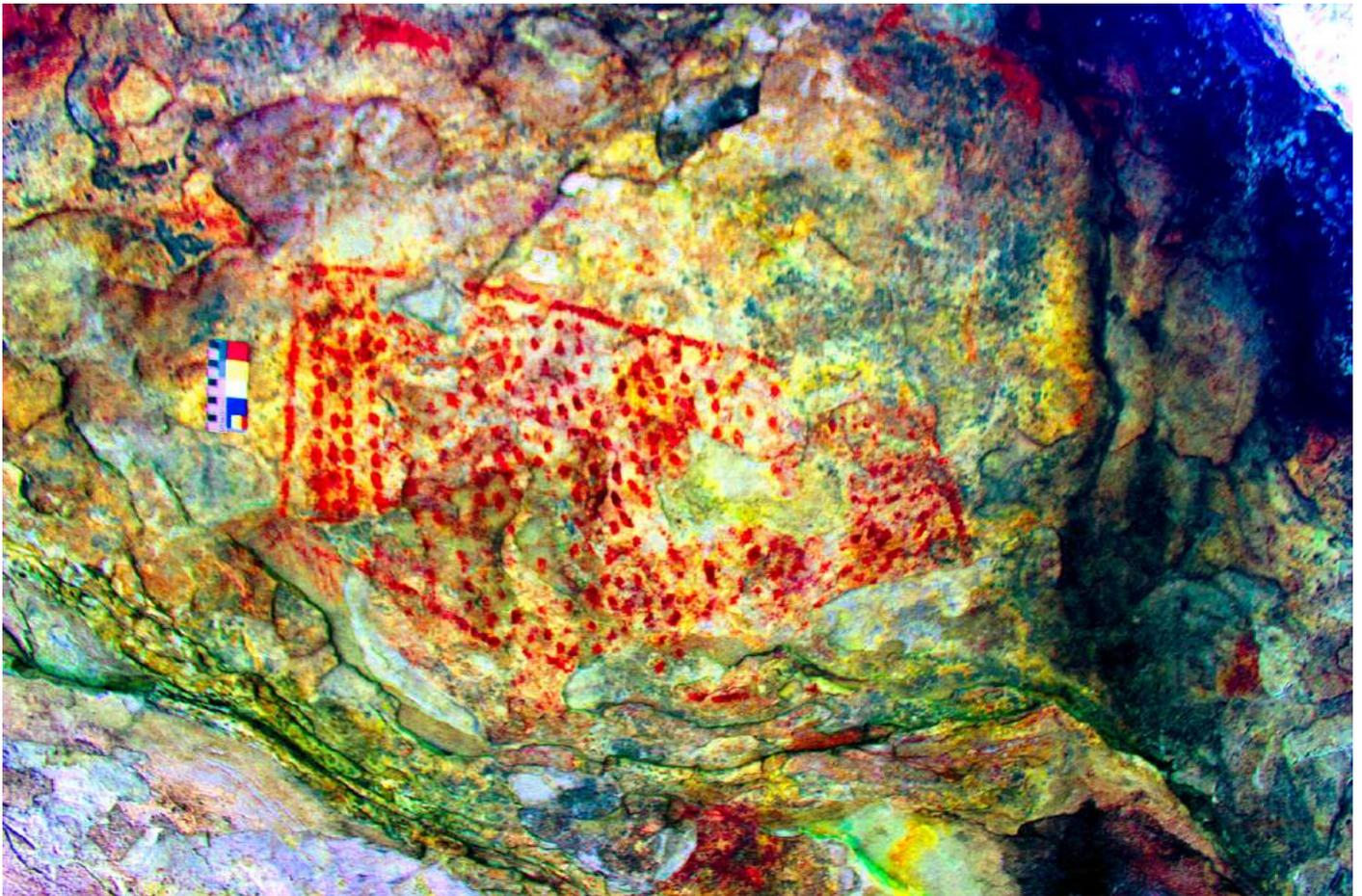


Figura 4: Painel horizontal (teto), Abrigo Iapó 2, tratado sob D'Stretch.

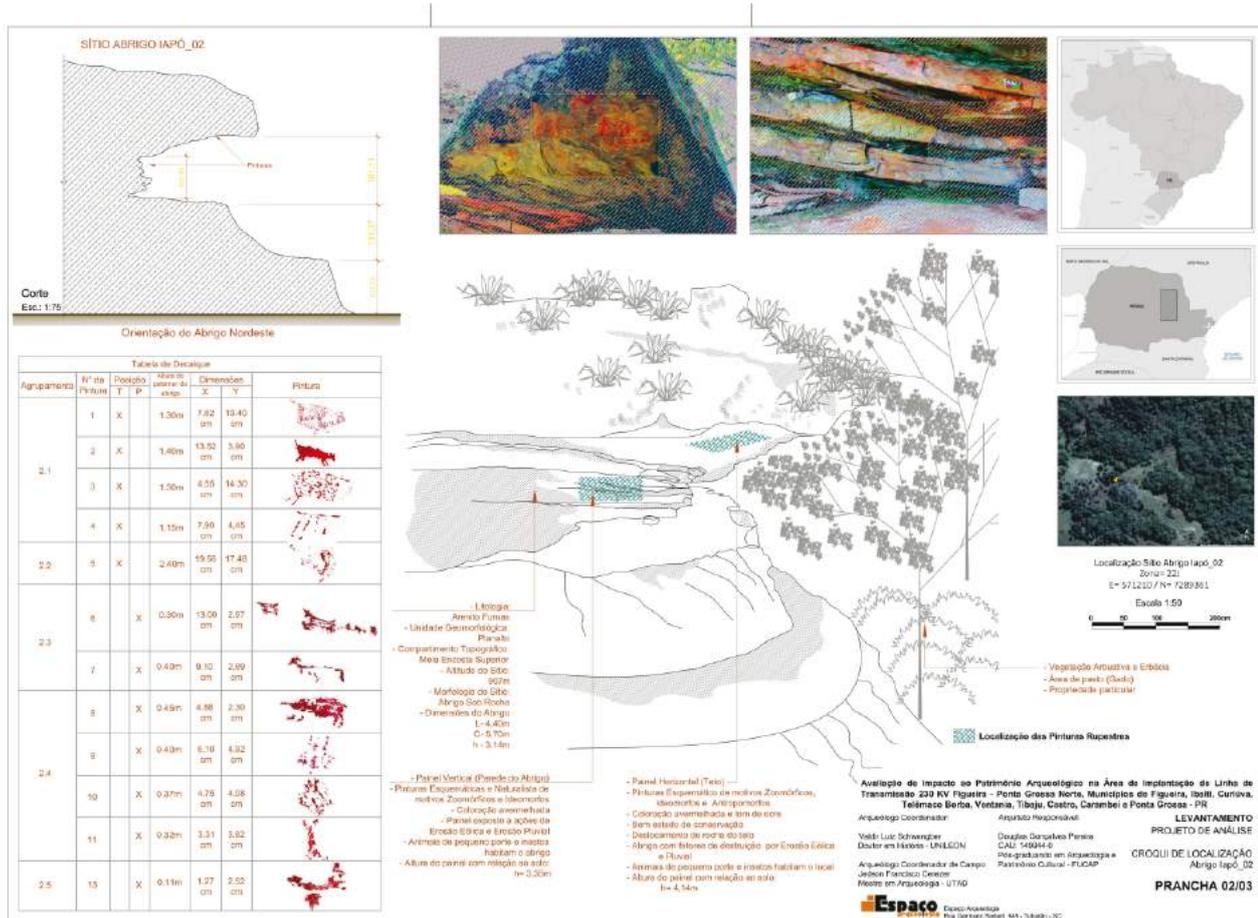


Figura 5: Prancha de levantamento e caracterização do sítio Abrigo Iapó 2.

com orientação cardinal sudeste.

Neste sitio, como nos demais, o tratamento dos dados obtidos em campo foi iniciado pela manipulação das imagens no software ImageJ, através do qual, as fotografias foram saturadas no intuito de evidenciar as linhas marcadas pela pigmentação, conforme pode ser visto na figura 7, identificando motivos idiomorfos no estilo esquemático. A prancha de caracterização do abrigo, representada pela figura 8, demonstra as dimensões do abrigo e a localização do painel evidenciado na figura anterior. Cabe destacar que

os três sítios apresentados se caracterizam como afloramentos de arenito Furnas, que se destacam nas encostas e vertentes formadas pelo processo de dissecação do rio Iapó. Além destes sítios, há pelo menos mais 25 registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e muitos afloramentos ainda não foram vistoriados podendo haver sítios inéditos em toda a extensão do vale do Iapó.



Figura 6: Vista frontal do painel que compõe o sítio Abrigo Iapó 3.

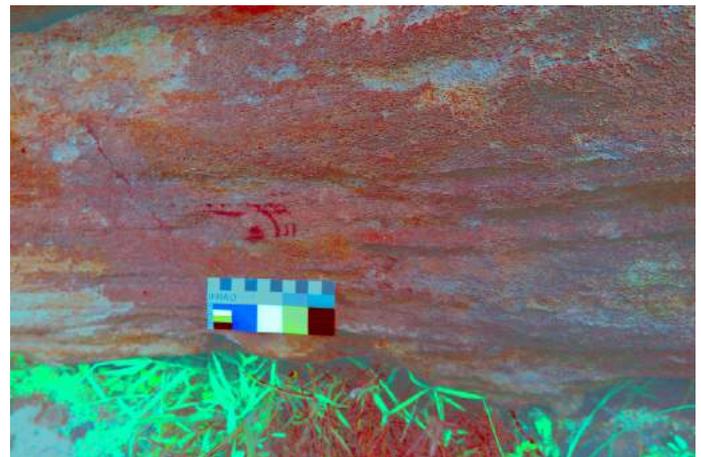


Figura 7: Pintura identificadas no sítio Abrigo Iapó 3 (plugin -D'Stretch).

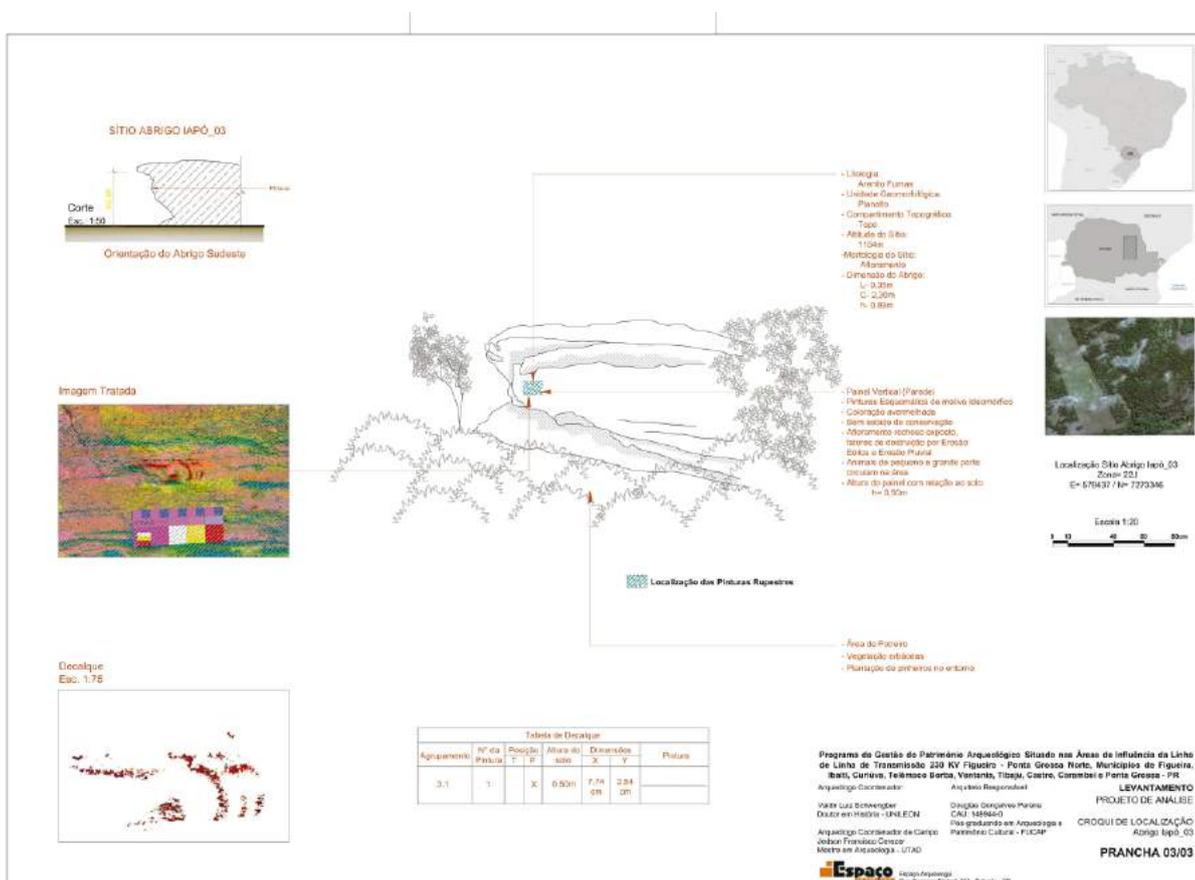


Figura 8: Prancha técnica de caracterização do sítio Abrigo Iapó 3.

4. Discussão

Construir um quadro sólido, em base documental, de campo e laboratório, é o principal aporte desta investigação. Como visto, os dados de campo levantados de forma sistemática, permitiram organizar grande quantidade de informações em uma prancha analítica, na qual, uma rápida leitura possibilita compreender os aspectos técnicos e metodológicos do processo de documentação, assim como das características dos sítios rupestres estudados.

Sistematizar os registros dos sítios rupestres é, para a investigação científica, de maior valia que conduzir interpretações com base a fragmentos de painéis ou de figuras isoladas. É nesta linha que esta discussão avança, conduzindo para a importância de trabalhos sistemáticos, como este que, advindo da arqueologia preventiva, demonstrou resultados positivos, tanto no recadastramento dos sítios já conhecidos, como no levantamento dos sítios inéditos.

Os aspectos considerados positivos, aqui apresentados, são: a possibilidade de conduzir análises rápidas com base na prancha analítica produzida para cada sítio. Com recurso a estas pranchas o interessado só recorre aos textos descritivos em caso de necessidades específicas, facilitando em muito a composição de quadros comparativos para análises e interpretações.

A aplicação da metodologia descrita, coloca à disposição dos investigadores um conjunto potencial de dados pertinentes para avançar em diferentes linhas da investigação em arte rupestre, facilitando a agregação de dados para a interpretação e discussão dos sítios rupestres e sua relação com o comportamento humano e o território.

5. Considerações finais

Produzir resultados científicos em arte rupestre é a premissa que esta investigação buscou no curso de suas escolhas metodológicas e abordagens conceituais. Estas têm por base a história da investigação em arte rupestre desenvolvida na Europa e transferida ao Brasil sem os devidos filtros. Cabe aqui considerar as polémicas geradas quando do “descobrimento” da arte móvel em grutas europeias, sobretudo da Cantábria, e a posterior relação com a arte rupestre, que, no curso de sua história permitiu comprovar a antiguidade

das manifestações humanas nos contextos parietais. A preocupação em relacionar a arte rupestre com as ocupações antigas foi vencida e possibilitou o surgimento de correntes teóricas e linhas de interpretação, ao passo que os métodos de registro também sofreram avanços em suas variações.

Considerar a história da arte rupestre, nas suas linhas de interpretação e, dos métodos de documentação e registro, coloca este artigo e esta investigação dentro de um cenário ainda em construção na arqueologia brasileira, onde o domínio de atributos ligados a “Tradição e Fases”, identificados com base a “estilos e aspectos pictóricos”, servem para resumir o vasto leque em que a arte rupestre está inserida. Portanto, esta iniciativa em lançar uma metodologia capaz de padronizar a apresentação dos resultados, baseada em um método rigoroso de registro e documentação, lançando também o desafio de, ao usar os dados sistematizados poder avançar para novas abordagens capazes de contextualizar a arte rupestre com o comportamento humano, nos seus aspectos territoriais, simbólicos e tecnológicos.

Bibliografia

- Buco, C. A. (2012). *Arqueologia do Movimento: Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. [Tese de Doutorado apresentada ao programa de Quaternário, Materiais e Culturas, UTAD].
- Coimbra, F. (2010). Portuguese Glossary. In book: *Rock Art Glossary. A multilingual Dictionary*, Chapter: Portuguese Glossary, Publisher: Australian Rock Art Research Association, Editors: International Federation of Rock Art Organisations, Robert G. Bednarik, pp.165-185.
- Collado Giraldo, H. (2007). Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: el conjunto de Grabados del Molino Manzanez (Alconchel-Cheles). *Memorias d'Odiana. Estudios Arqueológicos do Alqueva*. 559p. Beja: Empresa de Desenvolvimento e Infra-estrutura do Alqueva, S.A.
- COSTA, A. 1943. *INDIOLOGIA*. 272p. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde.
- Collado Giraldo; H. e GARCIA ARRANZ, J. J. (Coord.). s/ d. *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura*. Vol. I. [Arte Rupestre en el Parque Natural de Monfrague: El Sector Oriental], 282p. Mérida: Junta de Extremadura.
- Garcês, S. (2017). *Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos Primórdios da Agricultura no Vale do Tejo*. [Tese de Doutorado não publicada, UTAD].

- Gaspar, M. D. (2003). *A Arte Rupestre do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Martins, C. (2015). *Ndalambiri e a Arte Rupestre do Ebo, Kwanza Sul, Angola Tempo, Espaço e Gentes numa Paisagem Cultural*. [Tese de Doutorado apresentada ao programa de Quaternário, Materiais e Culturas, UTAD].
- Parellada, C. I. (2015). *Arte Rupestre do Paraná: novas discussões*. In: *Tecnologia e Ambiente, Criciúma*.
- Pereira, E. (2003). *Arte Rupestre na Amazônia - Pará*. 245p. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP.
- Prous, A. & Ribeiro, L. (2010) As Pesquisas de Arte Rupestre no Brasil. IN: Guidon, N.; Bucu, C. & Abreu, M. S. de (Eds.), *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009*. FUMDHAMENTOS, IX, 2: 395-415. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.
- Schwengber, V. L.; Cerezer, J. F.; Pereira, D. G.; Souza, F. S.; Dombroski, L. F.; Novasco, E. C.; Schwengber, L. M. (2017). *Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área de implantação da Linha de Transmissão 230 Kv Figueira – Ponta Grossa Norte, Municípios de Figueira, Ibaiti, Curiúva, Telêmaco Borba, Ventania, Tibagi, Castro, Carambeí e Ponta Grossa - PR*. Tubarão: Espaço Arqueologia. Relatório Complementar de Pesquisa.